

---

## A JUVENTUDE E A RESISTÊNCIA: ALGUMAS OCUPAÇÕES CULTURAIS EM SERGIPE\*

---

DOI 10.18224/frag.v29i3.7389

JULIANA SANTOS MONTEIRO VIEIRA\*\*  
DINAMARA GARCIA FELDENS\*\*\*  
LUANA GARCIA FELDENS FUSARO\*\*\*\*

*Resumo: intenciona-se discutir acerca da ocupação dos espaços urbanos no município de Aracaju/SE pela juventude local, considerando o término, durante os anos, de várias programações culturais voltadas para esse público que eram existentes no Estado. Buscamos pensar a violência enquanto uma força exercida, que relaciona-se com as escassas oportunidades e também com o não acesso a cultura e aos espaços urbanos. Buscou-se fomentar a discussão acerca do conceito de resistência, descrito pelo filósofo francês Gilles Deleuze, junto ao entendimento sobre a arte e estética do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, exemplificando para isso, alguns movimentos de ocupação urbana promovidos pela juventude sergipana, que expressam e expõem a arte e a cultura produzida por esses sujeitos. A repressão policial, os discursos morais, a visão deturpada de significativa parte da população sobre esses movimentos, acabam prejudicando e incentivando ainda mais a inércia estatal que assola a cultura do Brasil e, conseqüentemente, de Sergipe.*

*Palavras-chave: Cultura brasileira. Juventude. Ocupação urbana. Resistência. Sergipe.*

**I**ntenciona-se neste texto discutir acerca da ocupação dos espaços urbanos no município de Aracaju/SE pela juventude local. Aqui buscamos pensar a violência enquanto uma força exercida, que não necessariamente possui moldes previamente determinados. Relacionamos então, as escassas oportunidades, que nos últimos anos foram retiradas da população de integrar-se culturalmente no espaço urbano, não proporcionando a juventude

---

\* Recebido em: 29.05.2019. Aprovado em: 28.11.2019.

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Mestre em Educação (2017) e psicóloga (2014). Bolsista FAPITEC/SE. *E-mail:* juhsantosvieira@gmail.com.

\*\*\* Pós-doutora (UCM-Madrid). Doutora em Educação (2004). Mestre em Educação (1999). Graduada em História (1996). Pesquisadora, líder do GPECS/CNPQ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). *E-mail:* dfeldens@hotmail.com.

\*\*\*\* Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe (2018). Graduada em Jornalismo pela Universidade Tiradentes (2009). *E-mail:* luafeldens@gmail.com.

de sergipana, formas reais de expressão e ocupação. Violência intelectual, silenciosa, que pretende aniquilar as iniciativas particulares e coletivas.

Buscou-se fomentar, portanto, a discussão acerca do conceito de resistência, descrito pelo filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), junto ao entendimento sobre a arte e estética do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), exemplificando alguns movimentos de ocupação urbana promovidos pela juventude sergipana, que expressam e expõem a arte e a cultura produzida por esses sujeitos. A repressão policial enfrentada, os discursos morais, a visão deturpada de significativa parte da população sobre esses movimentos, acabam prejudicando e incentivando ainda mais a inércia estatal que assola a cultura do Brasil e, conseqüentemente, de Sergipe.

Nos últimos anos, o município perdeu grande parte de suas iniciativas acessíveis ao público, tendo sido extinguido consideravelmente os locais de convivência, festas livres, arte e lazer. Grandes conglomerados da indústria fonográfica, empresas interessadas em tornar seus eventos cada vez mais elitizados, disputas políticas, divergências de ideias entre produção cultural e pensamento empresarial, além do absoluto descaso do Estado perante as necessidades da população, fizeram com que várias iniciativas que antes faziam a “mistura regional” característica da cidade, desaparecessem. Sob essa realidade, novos espaços foram criados enfrentando lógicas urbanas anteriormente estabelecidas e buscando o reconhecimento da necessidade artística-cultural da juventude local.

A relação de autoria, de criação subjetiva, é algo de único que buscamos analisar nessa reflexão. Essas manifestações autorais, e para alguns, também transgressoras, se constituem, na verdade, como micropolíticas de ocupação e pertencimento a cidade. Esses ambientes ou locais de circulação transformam-se, quando ocupados, em locais de reconhecimento, de produção de si mesmo e de reconhecimento do outro. Essa dinâmica evidencia-se de forma profunda na juventude, que busca formar uma identidade social-urbana.

## A VIVÊNCIA DA CULTURA: OS ESPAÇOS DE PRODUÇÃO NO BRASIL E NO MUNICÍPIO DE ARACAJU/SE

O sentido antropológico da cultura encontra-se ligado a suas dimensões simbólicas, cognitivas, estéticas, existenciais. Na cultura se compartilham significados, se transmitem saberes e se atualizam práticas. É justamente desta “troca” que a juventude parece precisar para identificar-se culturalmente. Segundo Maffesoli (1998), as tribos urbanas contemporâneas estão cada vez mais ligadas a tendências culturais globalizadas, exploradas pela indústria fonográfica e da moda. Reside aí o paralelo da cultura e da juventude: de um lado, o desejo de diferenciar-se e do outro, a vontade de reconhecer-se.

No Brasil, a história dos investimentos em cultura pelo setor privado é considerada anterior aos investimentos do setor público. A cultura no Brasil é compreendida dentro da perspectiva de gasto financeiro, tendo um dos mais baixos orçamentos do Planalto, majoritariamente destinados a projetos com grande apelo midiático e restrito a artistas do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Prova dessa mentalidade foi a tentativa de fusão do Ministério da Cultura ao Ministério da Educação no ano de 2016, pelo presidente em exercício, Michel Temer. A intenção de transformar o Ministério da Cultura em apenas uma Secretaria foi radicalmente criticada e considerada um retrocesso para o país. Por toda a repercussão gerada, isso não se efetivou, porém demonstrou claramente a posição do Estado perante a cultura.

A primeira vez que houve incentivo fiscal à cultura no Brasil data o século XX, mais especificamente em 1985, com a criação do Ministério da Cultura. Em 1986, instaura-se a Lei nº 7505 chamada “Lei Sarney”, que dura até os anos 90. Também em 1986, cria-se o Fundo Nacional da Cultura (FNC) com o objetivo de captar e destinar recursos para projetos culturais compatíveis com as finalidades do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC).

Em 1991, Sérgio Paulo Rouanet, Secretário da Cultura, obtém sucesso com seu projeto de lei pelo rigor formal no cadastramento, análise de mérito e prestação de contas, dentro do princípio da transparência da administração pública. Em 1995, é implementada no MinC a Secretaria de Apoio à Cultura, para desburocratização no recebimento de projetos, inaugurando uma política de incentivo.

A Lei do Audiovisual (nº 8.685) foi sancionada em 20 de julho de 1993, válida até 2017, porém estendida pelo presidente em exercício, até 2022. Configura-se como um mecanismo de apoio indireto a projetos audiovisuais, através de incentivo fiscal. Permite que contribuintes possam deduzir do Imposto de Renda as quantias investidas na produção de obras audiovisuais cinematográficas brasileiras. Para pessoas jurídicas, a dedução prevista é de até 4%, e pessoas físicas, até 6%. O patrocinador tem o benefício de associar sua imagem ao produto audiovisual resultante do projeto fomentado, recolhendo os lucros que disso podem derivar.

Os aparelhos e instrumentos burocráticos do Estado brasileiro acerca da cultura foram criados e normatizados nas últimas décadas. Porém, a impressão geral é de que esses mecanismos não estão sendo acessados pela juventude ou não estão se mostrando acessíveis a ela. Apenas compreendendo a cultura como um “bem coletivo construtor da realidade”, é possível pensar políticas públicas de acesso real a todo e qualquer indivíduo. Apenas compreendendo a diversidade populacional e suas necessidades de expressão, poder-se-ia falar em democratização cultural (CALABRE, 2007).

É interessante estender a discussão também questionando e apontando a responsabilidade do Estado perante a situação da juventude no Brasil e seu panorama de delinquência. A ausência do poder público, sua inércia e inatividade não exime-o da responsabilidade de prover recursos para a realização e promoção da cultura. Essa cultura, tão desvalorizada e posta em segundo plano, integra funções sociais e políticas importantíssimas para o desenvolvimento do cidadão. Sob essa perspectiva, parece urgente a necessidade de reconhecimento da importância do aspecto sociocultural na formação da juventude brasileira. O próprio Ministério da Educação, na Coleção Educação para Todos – “Juventudes: outros olhares sobre a diversidade” – reconhece que,

[...] a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (ABRAMOVAY *et al.*, 2007, p. 21).

Nos últimos anos, devido a forte crise financeira vivenciada pelos cofres estaduais e municipais, celebrações que regularmente aconteciam em Aracaju, passaram a precisar basicamente da iniciativa privada para acontecer. O período junino e os festejos de verão, épocas de tradicional temporada de shows, recepção de turistas de todo o Brasil, logo sentiram a

crise. Antes de acabarem definitivamente, as festas passaram a ter um investimento limitado, que variavam de valor, mas que em tempos não muito distantes já pagaram cerca de R\$ 500 mil reais a uma só atração. Atualmente, a parcela da cultura no orçamento total do Estado de Sergipe é de 0,28%, não chegando nem próximo ao mínimo de 1% recomendado pela UNESCO.

A região do centro da cidade também já abrigou festividades que seguiam misturando as várias tribos que compõe Aracaju. A “Rua da Cultura”, iniciativa da Fundação Cultura de Aracaju (FUNCAJU), acontecia no Mercado Central e promovia diversos shows gratuitos neste local. Em 2007, institucionalizou-se a “Casa Rua da Cultura”, sede da Companhia de Teatro Strutífera Navis, que hoje oferece cursos de teatro, música, aulas de capoeira, entre outros. A derivação do projeto em algo físico foi considerado algo positivo e interessante, porém terminou por limitar fortemente o acesso da juventude, já que os conteúdos e eventos tornaram-se particulares.

As iniciativas culturais pensadas pelo Estado hoje, concentram-se nos aparelhos públicos instaurados. De outro lado, acontecem grandes eventos privados com bandas do cenário nacional que cultivam influências reguladas pela mídia de massa, na maioria das vezes, de outros estados, sem uma identificação de cultura e iniciativa local. A juventude então resiste.

## O CONCEITO DE RESISTÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A ARTE: ATO POLÍTICO-ESTÉTICO

“A existência considerada como fenômeno estético sempre nos parece suportável e através da arte nos são dados o olho e a mão e antes de mais nada a boa consciência para poder criar, com nossos recursos, tal fenômeno” (NIETZSCHE, 2012, p. 120). A palavra resistência pode propiciar uma série de interpretações: uma oposição ativa e direcionada, uma maneira de conservação de si ou um modo de vivenciar uma luta. Resistindo, assume-se uma postura que se opõe a obrigatoriedade das coisas, de quem rejeita uma doutrinação, de quem subverte a ordem, de quem corre o risco (RANCIERE, 2004). Sob essa lógica, a resistência reside na libertação das forças caóticas que ainda se fazem vivas e presentes nas relações, com a união dos contrários que propiciam um enlace com as linguagens humanas e inumanas residentes em um ser. As “regras da arte” serão definidas perante a experiência sensível específica, perante um pertencimento individual do vir a ser.

A física considera resistência uma força que se opõe ao movimento de um sistema. Essa noção pode transbordar para outros planos, convertendo-se em resistência a um sistema organizado, resistência a um sistema representativo. Força insubordinada, já que não se submete a um organismo, á significação e á subjetivação, mas produz desvios, adquirindo novos sentidos. Força ativa marcada pelo poder de transformação, pelo vitalismo. Força irreduzível ás funções de adaptação, conservação e utilidade da vida. Força que exhibe, na arte, sua afirmação (KROEF; GALLICCHIO, 2007, p. 06).

O sentido de resistência muitas vezes não está relacionado a um embate, mas a seguir o “contra fluxo” dos sistemas, produzindo uma “contracultura”, que confronta o formato tradicional de consumo e de mercado. É uma espécie de rechaço, pois rompe com modelos estabelecidos pela sociedade contemporânea, organizada em suas redes burocráticas e comer-

ciais, evidentes, sobretudo, nos centros urbanos. Entendendo que os coletivos a que neste texto nos referimos posicionam-se no sentido de repudiar e repelir as normas governamentais e os modelos mercadológicos.

Existe na contemporaneidade uma crise irreversível nas bases cartesianas e racionalistas do pensamento ocidental moderno, exigindo uma “radical atitude crítica nos confrontos com o presente” (VATTIMO, 1985, p. 20). A arte seria, para Friedrich Nietzsche, um contramovimento da decadência, um instrumento de quebra de um fluxo contínuo desta realidade já posta.

O conceito de resistência contrasta com o tema das artes, tendo em vista o entendimento do instrumento artístico como ideia política. A arte vive um perpétuo jogo de poderes: entre a manifestação sensível e entre sua significação. A experiência estética, aquela que se estrutura a partir do sensível, traz consigo uma promessa de “nova humanidade”. A perspectiva de arte-política promove uma vivência ligada aos laços da experiência e não as formatações abstratas, fundindo cultura, política, educação, filosofia, linguagem em uma nova forma de vida coletiva.

Para Gilles Deleuze (1997), são os mecanismos de poder que exibem grande resistência aos movimentos de fuga da lógica imposta. Se reconhece a resistência enquanto um fluxo desterritorializante, que opera via linhas de fuga, uma lógica que escapa de uma sequência continuísta. A grande energia dispensada da resistência é a criação, pois dá-se como o ato, como ação.

Dentro da tendência do pensamento moderno, o homem aprisiona a vida. Através da arte, esse aprisionamento torna-se mais frouxo, mais possível de penetrar, como um campo de lutas constantes, de forças heterônomas. Criar é resistir. A resistência só pode existir como um ato, como luta irrefutável contra a interiorização da opressão, como um usufruto individual. Os atos de resistência vinculados à juventude e destacados neste texto, reivindicam a apropriação do que é público e do caráter independente dos movimentos, desvinculado de qualquer órgão estatal ou privado.

## MOVIMENTOS CULTURAIS DE CRIAÇÃO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A expansão e a ocupação do espaço urbano são continuamente determinadas por interesses do sistema capitalista. A urbanização brasileira e sua especulação imobiliária terminaram por segregar a maioria da classe trabalhadora, sendo as favelas e as periferias expressões dessa situação. Além da redução dos espaços de convivência, existe também outra tendência vivida na contemporaneidade: a auto segregação. A opção da troca do espaço público pelo espaço privado, consolidando o já constante medo da diferença.

Quando se fala em espaço, pode-se adquirir uma interpretação apenas do plano físico, compreendendo uma demarcação material que serve como “local de passagem”. Pensando menos em seu espaço geográfico, parece ser fundamental entender o espaço urbano sob um ponto de vista humanístico, afinal, as cidades são constituídas por 81% da população brasileira e, por isso, precisam organizar-se para a vivência da mesma. A identidade social urbana configura-se a partir, principalmente, do lugar ocupado pelo sujeito e por seu contexto familiar e social. Essa é uma demarcação simbólica, subjetiva, que integra suas noções de pertencimento, afinidade e compatibilidade.

A dinâmica das ocupações perpassa a construção do eu e a noção do outro, a interação sujeito-coletivo. Sua intenção demonstra-se ligada a uma contraposição da visão da rua como

local de risco e ilegalidade, como muitas vezes somos incentivados a crer, para a visão da rua como local de afirmação de direitos, de expressão de arte e resistência. A ocupação dos espaços urbanos parece colocar em evidência a necessidade de reverter o lugar de passividade em que há muito tempo as populações encontram-se. O distanciamento de classes e a marginalização das pessoas são formas de dominação que interessam imensamente aos que integram o poder. A tentativa na ocupação é ressignificar os espaços e estabelecer neles, novas inter-relações através de manifestações transgressoras de forte cunho político, estético e artístico.

## SARAU DEBAIXO<sup>1</sup>

O Sarau Debaixo acontecia embaixo do viaduto do Terminal DIA, zona sul do município de Aracaju. Local antes não frequentado ou tido como marginalizado por sua completa inatividade (como a maioria dos viadutos da cidade), recebia, todas as terceiras terças do mês, desde 2013. Nasceu de uma ação política, durante as manifestações de julho de 2013 contra o aumento das passagens do transporte público. Eram poetas, grafiteiros, rappers, músicos, artistas e a população jovem da cidade, entre 20 e 30 anos, mas que contavam também com a simpatia de outras faixas etárias. Gostavam de se reunir para compartilhar suas letras, ideias, inspirações e indignações. Integrar e fomentar a cultura jovem, sua produção, resgatar a poesia marginal feita nas ruas, mas também questionar os caminhos urbanos da cidade, sob o que ela está sendo submetida. O propósito era então, ocupar.

Haviam convidados, pessoas de outros lugares que presenciavam aquela movimentação inédita. Custeavam seu som, vendiam seus trecos e pagavam os custos de “perturbar a ordem” embaixo de um viaduto. Como eles mesmos descrevem, gostariam de fazer algo “sem edital, sem catraca, sem ingresso e sem classificação”<sup>2</sup>. Em 2015, o Coletivo Debaixo realizou uma pausa, que descrevem como “um processo interno de reflexão”. Em março de 2016, realizaram um post em sua rede social para anunciar a paralização dos eventos. Segue na íntegra:

Já faz muito tempo que nós, do Coletivo Debaixo, não conversamos com vocês. Desde o último Sarau em 2015, entramos em um processo interno de reflexão. Foram dois anos ininterruptos e intensos, pudemos fazer parte de uma faísca que se espalhou pelo estado e chegamos onde não imaginávamos. Hoje, muito mais do que em 2013, são discutidas questões como direito à cidade, ocupação cultural e políticas públicas para cultura. Quando ocupamos pela primeira vez o Viaduto do DIA, queríamos realizar e compartilhar o fazer cultura. Sem edital, sem catraca, sem ingresso e sem classificação. Nós por nós, apenas. Mas à medida que o movimento cresce, todas essas questões que envolvem a distribuição e o fazer da cultura acabaram se agregando. Com isso, agradecemos não só ao público que se tornou maior a cada edição, mas também a todos os artistas, poetas, escritores, ativistas, realizadores de um modo geral que passaram pelo Sarau Debaixo. Às nossas visitas, que nos marcaram demais e hoje carregamos um pouco de cada uma delas. Apesar de toda a força que o Sarau Debaixo nos dá ao realizá-lo, são necessários muitos corres para que tudo fique pronto. Pagar o som nunca foi fácil, por isso sempre buscamos nosso autofinanciamento vendendo canelinha, fanzines, bottons, camisas e passando o chapéu. Ainda assim, não foram poucas as vezes em que fizemos vaquinhas entre os integrantes do coletivo para fechar as contas do Sarau, assim como não foram poucas as vezes que a gente já realizou Sarau devendo dinheiro. Nos últimos meses sofremos também com os cortes de energia após as



00h e no último Sarau fomos intimidados pela Polícia Militar por supostamente estarmos “perturbando a ordem”. Mesmo com toda nossa energia e com o apoio de quem acredita na parada, fazer o sarau também tinha suas dificuldades. Nesses dois anos não ficamos presos ao espaço do viaduto. Se o Sarau cresceu em público nas terças-feiras, nossa participação em outros espaços também cresceu. Nossa produção coletiva e individual também. Foram debates, palestras, oficinas, saraus em Aracaju, no interior, em outros estados. Levamos nossa poesia para o Brasil. O Sarau conseguiu dialogar com os mais diversos públicos e isso nos fez pensar que ficarmos parados nunca foi nosso caminho. No ano passado lançamos o Selo Debaixo e também os primeiros livros dos poetas que compõem o coletivo, essa também foi outra etapa que nos mostrou que as possibilidades de atuação são diversas e que precisamos explorá-las. Por isso depois de meses de muita discussão, reflexão e autocrítica chegamos a conclusão de que não iremos mais realizar o Sarau Debaixo como fizemos nesses dois últimos anos. Isso não quer dizer que o coletivo acabou ou que não estaremos mais nas ruas. Isso não quer dizer que eventualmente não possamos ocupar o espaço do viaduto ou outros lugares da cidade. No entanto, queremos atuar, nesse momento, de outras formas. Queremos ocupar as escolas, as praças, as feiras livres. As experiências que tivemos com a realização de oficinas literárias nas escolas públicas nos mostraram possibilidades. Queremos estudar mais sobre políticas públicas e atuar junto com outros coletivos nessa pauta de forma mais orgânica e organizada. Fazer mais pelo selo debaixo e lançar livros de outros poetas da cidade, assim como há dois anos atrás não sabíamos exatamente onde chegaríamos, mas fomos em frente e arriscamos. Vamos tornar cada esquina uma nova encruzilhada. Sempre com a rua, sem desatar! (NÓS NA RUA NINGUÉM DESATA)<sup>2</sup>.

Sem desatar da rua, mas prospectando também novos caminhos, novas ocupações. O coletivo agora integra-se a ações do IPHAN, compartilhando e defendendo também seus interesses. Como eles mesmos relatam, existe o “Selo Debaixo”, que publicou em 2015 uma coleção com oito *pockets* chamada “Sarau Debolso”. Os *pockets* e seus respectivos artistas são: Qualquer coisa não - Líria Regina; De Repente Rima - Lucian Smash; GIRO - Débora Arruda; (Para)nóia Urbana! - Morgan Souza; Espantalho do Presente - Pedro Bomba; Cabeça Feita Palavra Acesa - Marcella Almeida; Chama na Rima, Mina! - Clara Noronha; Outros 500 - Jacy Jê.

O Sarau e seu coletivo abriram portas para perceber a potencialidade de cantos “escondidos” da cidade. A ocupação de um viaduto, reduto, na maioria das vezes, de moradores de rua, contou também com essa integração, pois eles também eram participantes e integrantes desses encontros. Assim como artistas de rua, transeuntes, curiosos. Realmente, desperta-se muita curiosidade ver um lugar antes despovoado, agora tão cheio de arte e resistência! A “encruzilhada da cidade”, como costumavam denominar o local, abrigou discussões sobre feminismo, marginalização da juventude, poesia e rap como ferramenta de comunicação, direitos e perdas destes direitos no Brasil contemporâneo, etc.

### SOM DE CALÇADA<sup>3</sup>

O som de calçada  
Reúne a elite e a quebrada  
Sem precisar levar nada  
Além do sentido da união

É um tapa na cara  
Na monotonia dominical  
É um bando de gente  
Chapando-se de alto astral  
É rock, reggae e blues  
É samba, rap, hip hop  
Transbordando luz  
Todos em uma só voz  
Num só coração  
Do jeito que Bob pediu  
A gente se mistura  
E vai num balanço só  
Firme e constante  
Como as ondas do mar  
É o swell de cada domingo  
É a benção da fartura de amor  
O som de calçada chegou e ficou  
E irá perdurar pela eternidade  
Na rooteira com sua humildade  
Chega junto nas almas  
Banhadas de simplicidade  
É uma religiosa reunião  
Que já domina a cidade  
Então todo domingo  
Já tá confirmado  
É o som de calçada  
Espaço ocupado  
Nas mentes, almas e corações  
Refletido em todas as canções  
E nos sorrisos soltos no ar  
É no mesmo dia, na mesma hora  
E no mesmo lugar  
19 horas, Cinelândia, Aracaju  
Quem quiser pode chegar.<sup>4</sup>

Começou como algo desprezioso. Os ensaios da banda de reggae sergipano “Dream Zion” reuniam alguns amigos para um som à beira mar, no ano de 2012. O local é o estacionamento da Orla de Atalaia, chamado de Cinelândia por seus frequentadores, na zona sul da cidade. Lugar onde a concentração de bares e comércio é intensa, cartão postal da cidade de Aracaju, mas especialmente, lugar de consumo e clientela diversa.

As reuniões eram especialmente de jovens, que começaram a trazer seus instrumentos musicais para compartilharem do som, da arte, da cultura que ali estava se produzindo. Já com porte de evento, tudo corria inteiramente livre, sem fins lucrativos e acontecia das 19:00 às 23:00 horas. Conforme a quantidade de pessoas cresceu, apareceram os ambulantes e, com eles, uma intensa fiscalização e presença policial em tom de repressão. Poesia, música, ocupa-



ção: juventude que se integra, paquera, se produz, busca novas alternativas. Alguns interesses, porém, pareciam estar sendo afetados.

A ideia era ocupar um espaço urbano já frequentado, porém, que não correspondia às expectativas da juventude com relação à circulação de cultura e arte. A praia, na Orla de Atalaia, tem histórico de ocupação em eventos gratuitos que aconteciam no verão e traziam artistas nacionais e internacionais, proporcionando dias de arte e festividade para a população. Esses eventos foram aos poucos se deteriorando, até serem completamente extintos. Restou aos micromovimentos repopularem e reocuparem essas áreas, que já eram pertencentes ao imaginário do jovem sergipano; “[...] a cidade nos oferece uma gama de ocupações passadas que deixaram marcas, sendo fonte para histórias, lembranças e memórias da cidade, constituindo, portanto a própria cidade em si” (HAMANN *et al.*, 2013, p. 09).

Persistindo até 2017, o Som de Calçada tem grande público, mas muito mais diversificado do que em seu início. Apenas um integrante da banda continua a investir nos eventos, pois devido à mistura de outros públicos, aumentou o número de assaltos e de violência, além do consumo indiscriminado de bebidas alcóolicas por alguns frequentadores, som de carro alto e sem integração com a reunião, entre outros detalhes. Hoje, os frequentadores cobram por mais segurança, tentando manter os eventos e a produção cultural que ocorre ali.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propomos neste texto repensar os espaços de cultura no Brasil, suas políticas de incentivo e sua responsabilidade perante a conduta da juventude contemporânea. A violência simbólica sofrida por essa parte da população vem sendo denunciada desde meados da década de 60 em todo mundo, através de manifestações políticas com críticas a sociedade de consumo e suas relações de poder. Buscamos refletir acerca da difusão cultural no município de Aracaju/SE, atentando para recentes perdas em produções que há anos aconteciam. Por outro viés, buscamos destacar os movimentos de criação e ocupação de novas fabricações artísticas realizadas pela juventude do estado.

Como exemplo destes movimentos, destacamos o Sarau Debaixo, realizado de 2013 a 2015, embaixo do viaduto do Terminal DIA, zona sul do município de Aracaju, contando com poetas, rappers, grafiteiros e simpatizantes. Outro movimento de ocupação desde 2012 segue resistindo. Acontece na Cinelândia, no estacionamento da Orla de Atalaia, o Som de Calçada reúne músicos, instrumentistas e artistas de rua, com intenção de garantir seu direito de ocupar a cidade, mesmo em seus espaços mais elitizados.

Outras ocupações existem, sem dúvida se fazem presentes e resistentes no município de Aracaju e em todo o Brasil. Por limitações concernentes à própria pesquisa, ao alcance e possibilidade de diálogo com outras esferas da juventude do município, não foi possível mapear todos essas produções. Mesmo com os dois movimentos aqui citados, houve grandes esforços para coleta de dados e informações. De qualquer forma, foi possível perceber a necessidade e a vontade da juventude sergipana em ocupar os espaços urbanos, reconstruir modos de vida, em misturar-se, em produzir-se, em reconfigurar os lugares e não fazê-los apenas como locais de passagem.

A inércia estatal que vitimiza a juventude aqui se traduz na segregação social, em sua marginalização, no distanciamento de classes, na visão da cultura como despesa e não como investimento, na redução dos espaços de convivência, na negação constante ao jovem da criação de sua identidade urbana, social e cultural.

## YOUTH AND RESISTANCE: CULTURAL OCCUPATIONS IN SERGIPE

*Abstract: it is intended to discuss the occupation of urban spaces in the city of Aracaju/ SE by the local youth, considering the end, over the years, of several cultural programs aimed at this public that were existing in the State. We seek to think of violence as a force exerted, which is related to the scarce opportunities and also to the lack of access to culture and urban spaces. The discussion of the concept of resistance, described by Gilles Deleuze, together with the understanding of the art and aesthetics of Friedrich Nietzsche, exemplified by some movements of urban occupation promoted by the Sergipe youth, which express and expose the art and culture produced by these subjects. Police repression, moral discourses, and misrepresentation of a significant part of the population about these movements, end up hampering and further encouraging the state inertia that plagues the culture of Brazil and, consequently, of Sergipe.*

**Keywords:** *Brazilian culture. Youth. Urban occupation. Resistance. Sergipe.*

### Notas

- 1 Foi realizado contato com os integrantes do Coletivo, porém não houve resposta à solicitação em tempo hábil. Foram coletadas informações de suas redes sociais, entrevistas, notícias e depoimentos de divulgação livre.
- 2 Facebook: Página “Sarau Debaixo” (Post de 22 de março de 2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/saraudebaixo/posts/1700910996793219>
- 3 Foi realizada conversa com Luan Pinheiro, integrante da banda Dream Zion e participante da organização do Som de Calçada. Foram coletadas outras informações de suas redes sociais, entrevistas, notícias e depoimentos de divulgação livre.
- 4 Poema postado por Danilo Lumiano (14 de julho de 2015). Disponível em: <http://lumiano.blogspot.com.br/2015/07/som-de-calcada.html>

### Referências

- ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Coleção Educação para Todos, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). 2007.
- CALABRE, L. *Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas*. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, 2007. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/fcrb/451/2/Calabre,%20L.%20%20Políticas%20Culturais%20no%20Brasil>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- HAMANN, C.; CASTRO TEDESCO, P. de; MARACCI-CARDOSO, J. G.; VISCARDI, F. Movimentos de ocupação urbana: uma integração teórica através do conceito de happening. *Revista DIÁLOGO*, Canoas, n. 23, p. 19-33, 2013. ISSN 2238-9024.
- KROEF, A. B.; GALLICCHIO, G. S. Apresentação: Arte, Resistência. In: LINS, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. Simpósio Internacional de Filosofia. p. 5-8, 2004.

- MAFESSOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Tradução: Maria de Lourdes Meneses. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MORAES, C. *A Cultura é (novamente) degolada em tempos de ajuste fiscal*. Reportagem Jornal Online El País. São Paulo, 18 maio 2016. Disponível em: [www.brasil.elpais.com/brasil/2016/05/11/politica/1462998470\\_097192.html](http://www.brasil.elpais.com/brasil/2016/05/11/politica/1462998470_097192.html). Acesso em: 01 ago. 2017.
- NIETZSCHE, F. 1844-1900. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – CASA CIVIL. Lei 8313, 23 de dezembro de 1991. Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8313cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm). Acesso em: 10 ago. 2017.
- RANCIÈRE, J. Será que a arte resiste a alguma coisa? In: LINS, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. Simpósio Internacional de Filosofia, p. 126-140, 2004.
- VATTIMO, G. *Diálogo com Nietzsche*. Trad: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora Martins Fontes. Biblioteca do Pensamento Moderno, 2010.